



Língua e integração entre desenraizamento e ascendência social

Maria Eugenia Verdaguer

RESUMO: O presente artigo, cuja premissa é que a integração do imigrante passa através também da adaptação lingüística, propõe uma análise da integração das primeiras gerações de imigrantes italianos em São Paulo com base no enfoque lingüístico presente nas obras *La Divina Incrência*, de Juó Bananére, *Brás, Bexiga e Barra Funda* de Antônio de Alcântara Machado e *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai.

PALAVRAS-CHAVE: imigração italiana; integração; língua portuguesa; literatura brasileira.

*... os imigrantes diziam apenas Arrivederci, quando
deixavam a pátria para realizar colheitas periódicas
na Argentina, enquanto, partindo para o Brasil,
diziam quase sempre Addio.¹*

Partindo da concepção da literatura como instrumento de análise sociológica, enquanto produto e reflexo da estrutura e da realidade sócio-culturais de uma sociedade e do seu contexto temporal, com os seus testemunhos e com a influência que exerce sobre a sociedade, o presente trabalho tem como objetivo analisar os processos de adaptação e de integração da população italiana e ítalo-brasileira da cidade de São Paulo, durante as primeiras décadas do século XX, seguindo a evolução do uso da língua portuguesa através das três primeiras gerações: dos imigrantes, de seus filhos e seus netos.

1. Franco Cenni. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 231.

É neste contexto que utilizaremos como instrumento de análise três obras literárias de relevo: *La Divina Incenca*, de Juó Bananére, *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado e *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai. Estes três livros registram, através de gêneros literários diferentes, três aspectos do processo de integração dos italianos e de seus descendentes. O primeiro, de 1915, reproduz com exatidão o linguajar ítalo-brasileiro que se difundiu na cidade de São Paulo no início do século XX. O segundo, de 1927, cujo tema central é o da integração dos imigrantes italianos na cidade de São Paulo, reflete os vários aspectos traumáticos e de marginalização que a caracterizaram e a ruptura que se dá a partir da segunda geração, em relação a tal processo e ao sentimento de identidade nacional. O terceiro, de 1979, apresenta um testemunho em primeira pessoa, que revela como tal ruptura vai atenuando-se de geração em geração, principalmente quando se trata de famílias que conseguem afirmar-se no novo país.

Podemos dizer que o elemento traumático, ligado ao processo de adaptação e integração numa nova sociedade, presente, com maior ou menor intensidade, em qualquer fenômeno migratório, é fortemente vinculado ao processo de desenraizamento que a imigração pressupõe. Muitos são os fatores que podem atenuar ou intensificar tal elemento, como, por exemplo, o nível de estigmatização de uma certa população e a existência de uma sua comunidade dentro do país receptor, a ascendência social dos seus membros, etc. Mas é natural que o elemento traumático seja vivenciado com maior intensidade pelos imigrantes de primeira geração e que progressivamente se atenuar nas gerações sucessivas, devido ao simples fato que estas não passam por nenhum processo de desenraizamento.

O processo migratório incentivado pelo Brasil, inicialmente sob o Império e sucessivamente com a República, fez com que aproximadamente 1,5 milhão de italianos aproassem nas suas terras entre 1875 e 1915. A imigração intensificou-se e definiu-se como fenômeno de massa principalmente a partir da abolição da escravidão, para fornecer mão-de-obra assalariada ao setor cafeeiro do sudeste brasileiro, que estava em plena fase de expansão e de adaptação ao modelo capitalista de produção.

Este, porém, não era o único contexto de imigração. Além da imigração como reservatório de mão-de-obra assalariada, desenvolveu-se, principalmente no sul do país, uma imigração de povoamento que previa a formação de colônias, compostas por pequenos proprietários de terra em oposição à estrutura latifundiária dominante.

Estas duas variantes da imigração italiana produziram diferentes processos de adaptação e de integração na sociedade brasileira. As colônias do sul, devido ao isolamento e à localização periférica em relação aos centros urbanos, tenderam a desenvolver uma estrutura endogâmica e fechada, na qual os costumes, as crenças e as tradições do país de origem puderam se reproduzir sem serem submetidos a fortes influências externas. Nestes casos, a conservação dos próprios traços culturais passou também pela manutenção da identidade lingüística originária.

Ao contrário, no contexto paulista, se por um lado a produção cafeeira propiciou o desenvolvimento e a afirmação de importantes centros urbanos, dos quais São Paulo representava o principal pólo de atração, por outro, as condições de vida nas fazendas fizeram com que muitos imigrantes procurassem, nos centros urbanos, maiores oportunidades de trabalho e de sucesso, sobretudo nos ramos do comércio, da prestação de serviços e do artesanato. Conseqüentemente, a presença sempre mais intensa de italianos nos centros urbanos facilitou o contacto não só com outros conterrâneos, mas também com os nativos e com imigrantes de outras nacionalidades.

Como afirma João Baptista Borges Pereira:

In altre parole, la popolazione italiana, precedentemente celata nelle fazendas di caffè o nelle colonie, trasferendosi in città si aggiunge a quei connazionali che sin dall'inizio si erano stabiliti nel contesto urbano e diventa così, grazie alla concentrazione in luoghi più visibili, una vasta presenza. Parecchi centri urbani, circondati da fazendas e da nuclei di colonizzazione, videro i propri abitanti nativi sostituiti da immigrati e discendenti, finendo per trasformarsi, grazie alle dimensioni quantitative di questa neopopolazione, in vere e proprie città italiane.²

2. João Baptista Borges Pereira. "L'immigrante italiano nel mondo rurale paulista: una visione antropologica del processo migratorio". In: Róvilio Costa e Luis Alberto de Boni (a c. di). *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 137-166 (p. 144).

Os vários bairros de origem italiana de São Paulo se configuraram, nesse sentido, como pequenas Itálias e é a formação dessa comunidade ítalo-paulistana que nos interessa e que é registrada nas obras de Juó Bananére, Antônio de Alcântara Machado e de Zélia Gattai.

É em tal contexto urbano e multicultural que a grande comunidade de imigrantes italianos de São Paulo elaborou e desenvolveu o seu processo de integração, do qual faz parte a descaracterização do principal traço de identidade do imigrante, ou seja, da própria língua, a favor da língua portuguesa.

A afirmação que os italianos, de todas as populações imigradas no Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX, representam o grupo que mais rapidamente se “abrasileirou” é corroborada pelos resultados relativos ao uso da língua portuguesa do recenseamento de 1940. Em São Paulo, onde a adoção dessa língua foi mais rápida do que no sul do país, somente 8,7% dos italianos não falavam correntemente o português, contra 24% dos demais imigrantes que não o falavam correntemente. Além disso, 13,6% dos italianos falavam a própria língua no lar, enquanto para as outras nacionalidades a porcentagem subia a 49,1%.

... pode-se concluir quão rápido foi o desuso da língua paterna entre as novas gerações. Para isso concorreu não apenas a semelhança dos idiomas de origem latina mas também o estabelecimento de contatos contínuos com os habitantes de outros núcleos estrangeiros (com os quais os colonos só poderiam entender-se falando em português) no início, e depois com a intensificação das relações com os nacionais³.

Um dos elementos fundamentais que acelerou a adoção da língua portuguesa nos centros urbanos, nos quais era presente um considerável contingente de italianos, diz respeito à difusão entre estes do dialeto. Quando os italianos chegaram ao Brasil, mais do que italianos, eles eram venezianos, lombardos, napolitanos, calabreses. À recente unificação da Itália não correspondia uma unificação dos dialetos, ou melhor, a sua substituição pela língua italiana. Poucos eram os italianos que falavam italiano;

3. Franco Cenni, *op. cit.*, p. 328.

a maioria se expressava através do dialeto do seu povoado de origem e dificilmente conseguia entender o dialeto de seus conterrâneos, quando os mesmos provinham de outras regiões. Tal situação fez com que os imigrantes italianos, principalmente nos contextos urbanos, nos quais constantemente estabeleciam contactos não só com outros conterrâneos, mas também com nativos e outros estrangeiros, adotassem uma segunda língua que funcionasse como uma língua franca: o português.

Neste sentido é emblemático o personagem e pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, Juó Bananére, que aos poucos foi adquirindo vida própria e que se distingue dos outros dois autores que analisaremos, seja pela forma que utiliza, seja pela meticulosidade com que reproduz o linguajar ítalo-paulista da sua época. Juó Bananére – italiano, barbeiro do Brás, poeta e jornalista – se exprime por meio da poesia, com a qual dirige uma crítica duríssima não só contra o governo e os “cartolas”, mas também, parafraseando poetas parnasianos célebres, contra a expressão literária da classe dominante. Todavia, nos seus poemas, tal oposição é feita através da voz do imigrante italiano e o primeiro elemento que chama a atenção do leitor é a linguagem que utiliza. Ele começa a escrever no jornal *O Pirralho* em 1911, quando em São Paulo se verifica uma situação de bilingüismo ítalo-português. A presença maciça de imigrantes italianos na cidade fez com que, na época, se afirmasse que, em São Paulo, se falava “mais o idioma de Dante que o de Camões”⁴. Note-se que tal período, de difusão do italiano⁵ e de influência recíproca entre as duas línguas, corresponde à fase de adaptação da primeira geração de imigrantes, na qual ainda não havia uma significativa estratificação social dentro do próprio grupo migratório italiano. Inicialmente a língua representa um elemento de referência entre os imigrantes, mas, à medida que os italianos vão se integrando, aqueles que

4. Ernani Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954, pp. 57-58. In: Carlos José dos Santos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume, 2003, p.36.

5. Na realidade não se tratava do italiano em si, mas daquela língua comum italiana formada pelos tantos dialetos presentes na cidade.

se elevam socialmente passam a estigmatizar os dialetos italianos a favor da língua portuguesa. A esse respeito, Pasquale Petrone afirma que:

In un modo o nell'altro, l'uso del dialetto diventò segno di appartenenza alle categorie socioeconomiche inferiori, idea che acquistò peso con il passare del tempo. [...] Forse l'idea di associare il dialetto alle classi inferiori e l'italiano alle élites, è stata una delle cause più influenti nel processo di perdita di identità linguistica che si verificò nella maggior parte dei casi. Nelle particolari condizioni in cui vivevano gli immigrati, abbandonare l'uso del dialetto spesso fu legato all'idea di ascesa sociale e questa, a sua volta, implicava la valorizzazione del portoghese.⁶

Porém, no período em que Juó Bananére escreve, a estratificação social dentro da coletividade italiana ainda não se completou e o que ele registra é esse linguajar “macarrônico” ítalo-paulista, que reflete o primeiro contacto dos imigrantes italianos com a língua portuguesa, no qual o italiano se “abrasileirava” e o português se “italianizava”

Na poesia “Os meus otto anno” (paráfrase de “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu), de que reproduzimos duas estrofes, encontram-se alguns dos fenômenos fonéticos que caracterizaram o português macarrônico dos italianos no início do século XX:

“O chi sodades che io tegno
D'aquillo gustoso tempigno,
Ch'io stava o tempo intirigno
Bringando c'oas mulecada.
Che brutta insugliambaçó,
Che troça, che bringadêra,
Imbaxo das bananêra,
Na sombra dos bambuzá.
(...)

A migna gaza, vivia
Xiigna di genti, assim!!..
Che iva dá parti di mim.
Sembrava c'un gabinetto
Di quexa i rigramaçó.
Meu páio, pobri goitado,
Vivia atrapagliado
P'ra si livrá dos quexozo”?

6. Pasquale Petrone. “Italiani e discendenti di italiani in Brasile: le scuole e la lingua”. In: Rovílio Costa e Luis Alberto de Boni (org.), *op. cit.*, pp. 305-306.
7. Juó Bananére. “Os meus otto anno” in *La Divina Incrência*. São Paulo: Editora 34, 2001, pp. 33-35.

Os fenômenos fonéticos mais evidentes, presentes nestas estrofes, dizem respeito, em primeiro lugar, ao ditongo nasal “ão”, como em *insgugliambaçó* e *rigramaçó*. Em geral, a perda da nasalização se dava com as vogais nasais (p. ex. *també, assi, amagná*) e, nos casos de *m* finais, pospostos à vogal *a*, o ditongo nasal era substituído por *-om* (p.ex. *falarom, cantarom*). Os ditongos átonos tendiam a ser substituídos por uma só vogal, como em *sodades, bringadêra, bananêra* (fenômeno hoje comum no nosso registro falado). O *c* e o *g* frequentemente eram invertidos, como em *bringando, insgugliambaçó, bringadêra, gaza* e *rigramaçó*. Além deste pequeno número de exemplos fonéticos, Juó Bananére nos fornece também alguns exemplos de grafias italianizadas, como *chi, tegno, tempigno, intirigno, brutta, xiigna, gabinetto*, etc.

Juó Bananére apresenta aquele universo lingüístico que, nas palavras de Franco Cenni, “no seu tempo, podia ser ouvido nos quatro cantos da cidade”⁸, confirmando, por um lado, a força cultural e a influência exercida pela comunidade italiana no ambiente paulistano da época; por outro, a grande capacidade de adaptação que caracterizou tal comunidade.

Não encontramos, porém, em Juó Bananére uma descrição do elemento traumático da imigração, ligado ao uso dessa língua híbrida e da importância que a manutenção da língua italiana revestia para os imigrantes como fator de salvaguarda da própria identidade de origem.

Antônio de Alcântara Machado publica, em 1927, *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Como o próprio autor adverte, “este livro não nasceu livro: nasceu jornal. Estes contos não nasceram contos: nasceram notícias”⁹. A visão do autor, neste caso, se propõe como uma visão externa, como se, mais do que de contos, o livro fosse composto de crônicas que relatam os vários aspectos, na maioria das vezes traumáticos e estigmatizadores, que marcaram o processo de adaptação e de integração da primeira geração de imigrantes e dos seus descendentes. Apesar de utilizar uma linguagem

8. Franco Cenni, *op. cit.*, p. 334.

9. Antônio de Alcântara Machado. *Brás, Bexiga e Barra Funda*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995, p. 15.

híbrida, sobretudo nos diálogos, o objetivo principal de Alcântara Machado não é mais o de reproduzir o linguajar ítalo-paulistano, mas principalmente o de fornecer um retrato da sociedade paulistana, na qual os imigrantes procuram afirmar-se econômica e socialmente e diferenciam-se em diversas classes sociais.

É evidente a diferença social que existe entre um Gaetaninho e um *Cav. Uff.*¹⁰ Salvatore Melli. Gaetaninho, do conto homônimo, é um menino, cujo sonho de andar de carro se realiza quando ele é atropelado por um bonde e o seu “caixão fechado com flores pobres por cima”¹¹ ocupa um carro fúnebre. Ao contrário, o *Cav. Uff.* Salvatore Melli, de “A sociedade”, é um daqueles italianos bem sucedidos que se impõem na sociedade. Este conto é muito interessante no que diz respeito à estigmatização de que eram vítimas os italianos e à importância que era atribuída ao sucesso econômico como meio de enfrentá-la. O conto começa com a esposa do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda, que afirma: “Filha minha não casa com filho de carcamano!” O senhor Salvatore Melli, que começou vendendo cebolas e batatas, com o tempo, ascendeu socialmente, tornando-se o *Cav. Uff.* Salvatore Melli. De “carcamano” passa a *Cav. Uff.* e faz uma proposta de sociedade ao Conselheiro. O acordo é simples: o Conselheiro cede as terras e ele entra com o capital, porque, como afirma o Sr. Melli, “*io* tenho o capital. O capital *sono io*”¹². Tal acordo reflete a crise da oligarquia rural da época e a ascensão das classes urbanas, ligadas ao comércio e à indústria, das quais os italianos representavam em boa parte a elite.

Naturalmente, o conto se encerra com o casamento entre a filha do Conselheiro e o filho de Salvatore Melli. Vale a pena lembrar que este tipo de casamento, entre filhos de italianos com filhas de brasileiros, representou um elemento frequente no processo de integração e de ascendência social dos descendentes de italianos. Como no caso do conto, tal modelo de casamento unia o capital do imigrante ao status da família da noiva, sobretudo quando se tratava de famílias tradicionais.

10. *Cav. Uff.*: Cavaliere Ufficiale – título de nobreza vendido pela coroa da Itália.

11. Antônio de Alcântara Machado, *op. cit.*, p. 22.

12. *Ibidem*, p. 44.

Se, por um lado, os imigrantes italianos eram caracterizados pela forte determinação de ascender socialmente e afirmar-se na sociedade brasileira, por outro lado, mantinham uma identidade nacional própria e uma ligação visceral com as próprias origens, fato que os tornava, como diria Antônio de Alcântara Machado, “italianos jacobinos”, ou seja, indivíduos que se mantinham informados sobre as vicissitudes da terra natal e viviam o destino da mesma como se estivessem ainda lá. Para os imigrantes italianos era fundamental manter o “cordão umbilical” com a própria terra porque era para lá que eles tinham intenção de voltar um dia. Eles liam jornais escritos em italiano, entre os quais o *Fanfulla*, criavam e freqüentavam associações culturais italianas e, quando tinham condições econômicas, mandavam os filhos a escolas italianas.

Ao contrário, em geral, os filhos dos imigrantes italianos nascidos no Brasil, eram e sentiam-se brasileiros. É o caso, por exemplo, do personagem do conto “Tiro de Guerra nº 35”, Aristodemo Guggiani, filho de italianos, que freqüentou o Grupo Escolar da Barra Funda, onde lhe ensinaram a grandeza do Brasil e o seu hino, e que fez o serviço militar como soldado de Tiro de Guerra nº 35. Este personagem é definido por Antônio de Alcântara Machado um “brasileiro jacobino”. Enquanto ele e os outros soldados ensaiam o hino, acaba dando um tapa num soldado alemão porque este ria deles. O trecho a seguir representa não só um exemplo de como os filhos de italianos se integraram rapidamente na sociedade brasileira, mas também de como tal integração não teve a mesma repercussão entre outras nacionalidades. Aristodemo se justifica com o Sargento:

– Escachando. Seu Sargento. Pode perguntar para qualquer um da esquadra. Em vez de cantar ele dava risada da gente. Eu fui me deixando ficar com raiva e disse para ele que ele tinha a obrigação de cantar junto com a gente também. Ele foi e respondeu que não cantava porque não era brasileiro. Eu fui e disse que se ele não era brasileiro é porque então era... um... eu chamei ele de... eu ofendi a mãe dele, Seu sargento! Ofendi mesmo. Por Deus do céu. Então ele disse que a mãe dele não era brasileira para ele ser... o que eu disse. Então eu fui, Seu Sargento, achei que era demais e estraguei a cara do desgraçado! Ali na hora.¹³

13. *Ibidem*, p. 34.

O conto “Nacionalidade” é o que melhor registra a ruptura generacional que existe entre os imigrantes italianos e seus filhos brasileiros. Os primeiros, ligados ainda à pátria mãe e ao sonho de lá voltar, e os filhos, plenamente integrados na sociedade brasileira. Neste conto, Alcântara Machado, como evidencia Vera Lúcia de Oliveira¹⁴, reproduz não só as principais fases da integração do imigrante italiano e de seus filhos, como também o aspecto psicológico e doloroso de tal integração, ligado ao duplo processo de radicação e de desenraizamento.

Passemos à descrição que Alcântara Machado faz do personagem do pai, italiano:

O barbeiro Tranquillo Zampinetti da Rua do Gasômetro n° 224-b, entre um cabelo e uma barba, lia sempre os comunicados de guerra do FANFULLA. Muitas vezes em voz alta, até. De puro entusiasmo.

O primeiro elemento de ruptura generacional que aparece no conto diz respeito à questão da língua, porque os filhos do italiano, causando grande dor ao pai, se recusavam a falar a língua da sua terra de origem:

Mas tinha um desgosto. Desgosto patriótico e doméstico. Tanto Lorenzo como o Bruno [...] não queriam saber de falar italiano. Nem brincando. O Lorenzo era até irritante.

– Lorenzo! Tua madre ti chiama!

Nada.

– Tua madre ti chiama, ti dico!

Inútil.

– Per l’ultima volta, Lorenzo! Tua madre ti chiama, hai capito?

Que o quê.

– Stai attento que ti rompo la faccia, figlio d’un cane sozzaglione, che non sei altro!

– Pode ofender que eu não entendo! Mamãe! Mamãe! MAMÃE!¹⁵

14. Vera Lúcia de Oliveira. “Os imigrantes em São Paulo, na perspectiva de Alcântara Machado.” *Revista de Italianística* IX, FFLCH/USP, 2004, pp. 9-17.

15. *Ibidem*, p. 74.

Para Zampinetti, tal ato era vivido com muita amargura, porque refletia a relação de alheação dos filhos no que dizia respeito à origem italiana da família e àquilo que o pai considerava um sonho: voltar para a pátria.

Inicialmente, quando ainda era um simples barbeiro, Tranquillo Zampinetti, era o típico “italiano jacobino”. Até então, seguia mais as notícias sobre a política italiana do que aquelas sobre a brasileira. Tal falta de interesse pela vida política brasileira é explicitada no diálogo entre Zampinetti e Ferruccio, um italiano que tinha se integrado mais rapidamente e que era candidato do governo a terceiro juiz de paz do distrito. Ferruccio pede o voto ao barbeiro e o diálogo se desenvolve:

- Siamo intesi?
- No. Non sono elettore.
- Non è elettore? Ma perché?
- Perché sono italiano, mio caro signore.
- Ma che c'entra la nazionalità, Dio Santo? Pure io sono italiano e farò il giudice!¹⁶

Neste trecho, é interessante observar como Zampinetti procura manter um certo distanciamento em relação à esfera social e política brasileira, como se a estadia no Brasil fosse uma coisa passageira e como se o fato de participar mais ativamente nela pudesse pôr em perigo as suas raízes e o seu projeto de retorno.

Mas quando explode a Primeira Guerra Mundial, Zampinetti já não é mais um simples barbeiro. Ele já é “proprietário de quatro prédios na Rua do Gasômetro, dois na rua Piratininga, cabo influente do Partido Republicano Paulista e dileto compadre do primeiro subdelegado do Brás”¹⁷. Naturalmente o enriquecimento dos imigrantes italianos representou um fator determinante no processo de integração. Tanto é assim que, apesar do entusiasmo patriótico inicial, Zampinetti acaba não subscrevendo o empréstimo de guerra para a Itália, chegando mesmo a se desinteressar por ela.

16. *Ibidem*, pp. 75-76.

17. *Ibidem*, p. 76.

Os filhos de Zampinetti integram-se de maneira espontânea na sociedade brasileira, sem passar por nenhum processo de desenraizamento. Eles estudam, casam-se, formam-se, entram no mercado de trabalho como qualquer outro brasileiro. Bruno forma-se em Ciências Jurídicas e Sociais e a sua primeira incumbência é a de solicitar ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores do Brasil a naturalização do pai. Mas não é este gesto burocrático que marca a integração de Tranquillo Zampinetti. O fato crucial, que evidencia a irreversibilidade do percurso migratório do ex-barbeiro e é sinal da sua completa integração, é a construção da capela da família no cemitério do Araçá.

Citando Vera Lúcia de Oliveira,

O fato é que o suceder das gerações desapega o imigrante à terra natal. Os italianos de segunda e terceira geração sentem-se muito menos estrangeiros do que os pais, mais integrados à sociedade brasileira, da qual assimilam a língua e os valores [...] No próprio barbeiro é possível seguir, com a síntese que caracteriza todos os contos do livro, o processo de adaptação, de distanciamento psicológico da terra de origem e do enraizamento no Brasil, paralelo a sua ascensão econômica e social. O arraigamento completa-se neste personagem quando o sonho de retornar à Itália é substituído pela preocupação de construir uma capela funerária digna da nova posição da família¹⁸.

Antônio de Alcântara Machado registra, nestas crônicas, experiências e vicissitudes quotidianas que observa com uma certa distância, visto que não faz parte da comunidade italiana, e é esse distanciamento que lhe permite estabelecer uma certa neutralidade e objetividade na descrição.

Sucessivamente, com a instauração do Estado Novo e principalmente com a Segunda Guerra Mundial, a população italiana, assim como a alemã, foi submetida a rígidas formas de estigmatização. A língua italiana foi proibida, seja como registro oral, nos ambientes públicos, seja como escrito, em jornais e meios de comunicação; as associações culturais e esportivas italianas tiveram de substituir os seus nomes por

18. Vera Lúcia de Oliveira, *op. cit.*. Agradeço a autora por ter-me cedido o seu artigo e por, em tantas conversas, ter iluminado o caminho da minha pesquisa.

outros em português; as escolas estrangeiras foram fechadas e os bens de italianos foram confiscados. Como afirma Pasquale Petrone:

In realtà, ciò che si abbatté sulla collettività di origine italiana in Brasile alla fine degli anni trenta e in particolare nel corso degli anni quaranta, fu un'autentica strage culturale largamente favorita, anche, dal trauma della guerra. [...] L'immigrato, che non sempre riusciva a celare la vergogna per l'uso del dialetto, rispetto all'italiano e rispetto al portoghese, e che non di rado trasmetteva questo sentimento ai figli, ora doveva affrontare altri problemi che andavano dal concetto di brasilianità al parlare brasiliano, all'uso del dialetto o dell'italiano e al sospetto – soprattutto durante la guerra – della «quinta colonna», del traditore del paese, del fascista vero o presunto. Tali conflitti si verificavano, per l'immigrato, [...] proprio quando, economicamente e socialmente, specie nelle aree urbane, gli italo-brasiliani avevano realizzato uno straordinario processo di ascesa [...].¹⁹

Ao primeiro período da imigração, marcado pelo trauma ligado ao processo de integração e, simultaneamente, de desenraizamento, sucede este segundo momento traumático, carregado de estigmatização e de negação coercitiva das próprias raízes.

Somente a partir dos anos 70, em função da comemoração do Centenário da Imigração Italiana no Brasil (1875-1975), a importância da presença italiana no nosso país começou a ser revalorizada.

É neste contexto que, em 1979, Zélia Gattai publica *Anarquistas, graças a Deus*. Neste romance autobiográfico, a autora reescreve a história da imigração da própria família, que teve início, em 1890, com a chegada dos avós paternos (os Gattai) e maternos (os Dal Col) ao Brasil. É interessante notar como o elemento traumático vai atenuando-se, como era de se esperar, de geração em geração, ao ponto de quase desaparecer nos relatos de Zélia Gattai, centralizados sobre a sua geração e a dos pais, que nasceram na Itália, mas que chegaram ao Brasil ainda pequenos.

Em Zélia Gattai, o componente traumático diz respeito à experiência da viagem dos avós ao Brasil e ao período imediatamente sucessivo à sua chegada, quando se

19. Pasquale Petrone, *op. cit.*, pp. 321-322.

transferem para a Colônia Cecília (os Gattai) e para uma fazenda paulista (os Dal Col). Tal componente, porém, progressivamente, vai desaparecendo a favor de uma visão mistificada do processo de adaptação da família, principalmente porque se trata de uma família que se integra bem e que ascende socialmente.

Os avós de Zélia Gattai, após a experiência inicial na Colônia Cecília e na fazenda paulista, mudam-se para São Paulo, onde os pais da autora se conhecerão. Ali, o avô paterno de Zélia Gattai abrirá uma oficina de consertos de bicicletas, gramofones e armas de fogo, que sucessivamente se transformará em oficina mecânica. A oficina, herdada por Ernesto (pai de Zélia Gattai), é transferida para a Alameda Santos, onde ele e a família vão morar. Ernesto Gattai faz parte daquela fração da comunidade ítalo-brasileira bem-sucedida e assimilada pela sociedade brasileira. Num período em que era comum que só os meninos fossem à escola, Zélia e suas irmãs fizeram o curso primário. A família tinha carro e costumava viajar, ir ao cinema e à ópera. Contavam com uma pajem para as crianças e em casa tinham até um gramofone. Ou seja, tratava-se de uma família burguesa, totalmente integrada na sociedade.

O romance de Zélia Gattai, por outro lado, abrange um aspecto interessante da interação lingüística entre os pais de Zélia e os filhos. Os pais de Zélia Gattai apresentam uma particularidade, que é aquela de terem chegado ao Brasil quando ainda eram crianças. Eles eram, portanto, italianos, mas o fato de que fossem crianças, no momento da chegada ao Brasil, provavelmente propiciou a instauração de uma relação com a língua italiana diferente daquela instaurada pelo barbeiro Tranquillo Zampinetti, em “Nacionalidade”. O fato de Zélia e de seus irmãos não falarem italiano, não será vivido pelos pais como um elemento de ruptura, simplesmente porque o processo de desenraizamento deles, por serem pequenos no momento da imigração, foi muito menos traumático do que o dos imigrantes da geração precedente, que, como Tranquillo Zampinetti, imigraram já adultos.

Em *Anarquistas, graças a Deus*, narrando os eventos quotidianos da sua vida familiar durante a sua infância, Zélia Gattai aborda várias vezes a questão lingüística, ou seja, o uso que se fazia da língua portuguesa e da língua italiana em casa, na esfera da intimidade, dos sentimentos e das emoções.

Em primeiro lugar, ela afirma que “em casa nossos pais falavam italiano, nós entendíamos tudo, porém respondíamos sempre em português”²⁰. Sucessivamente, em trechos como este em que ela afirma que “os desabafos de mamãe, em italiano, indicavam que estava verdadeiramente zangada, revoltada, desesperada”²¹, ela se contradiz insinuando que a mãe, como outros personagens, falava português em casa e que, só em momentos mais íntimos ou carregados de emotividade, falava em italiano. Em um outro trecho, no qual dona Angelina, mãe de Zélia Gattai, está repreendendo à filha, lê-se:

— Varda vé, gnocca! Me deixe em paz, sua boboca! — ameaçava-me em seu dialeto vêneto, mau sinal, pois somente o fazia quando zangada de fato.²²

Não fica muito claro se os pais adotavam, em casa, só o italiano ou o português também. Mas isso não nos cria nenhum problema porque, de qualquer maneira, o que é evidente é que, na esfera sentimental e íntima, os pais usavam exclusivamente o italiano, enquanto os filhos, ao contrário, adotavam o português.

Um outro fenômeno, que poderia explicar a ambigüidade dos pais de Zélia Gattai no uso do português e que parece ser bastante comum, é o da mistura das duas línguas. A autora conta que, quando o cachorro da família era preso pela carrocinha e levado para o canil, dona Angelina ia buscá-lo e na volta para casa “ia repetindo sempre o mesmo sermão com pequenas variações: às vezes falava em italiano, às vezes falava em português e às vezes numa mistura das duas línguas”²³. Em *Città di Roma*, a autora narra que chegou a estudar piano e que fez uma campanha para que o pai lhe comprasse o instrumento musical, mas o pai sempre lhe dizia: “Vá estudando a teoria, que a tasteira é fácil”²⁴. Obviamente o pai estava

20. Zélia Gattai. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record/Alfaya, s/d., p. 61.

21. *Ibidem*, p. 119.

22. *Ibidem*, p. 260.

23. *Ibidem*, p. 73.

24. Zélia Gattai. *Città di Roma*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 108.

“abrasileirando” a palavra italiana *tastiera*²⁵, como de fato é intuído por Remo, um dos irmãos de Zélia Gattai.

No caso dos pais de Zélia Gattai, segundo o que transparece na sua narração, o fato que se tivessem integrado na sociedade brasileira e que, ao mesmo tempo, mantivessem um vínculo com as próprias origens italianas, não implicava um trauma ligado ao processo de desenraizamento. Os filhos do casal, por outro lado, anulam qualquer ambigüidade no que diz respeito à própria identidade nacional. Consideram-se explicitamente brasileiros, como se pode observar na seguinte declaração de Zélia Gattai, em que descreve as reuniões políticas das “Classes Laboriosas”:

Havia dois grupos na emulação das vendas e nas participações artísticas: o das italianas e o das espanholas. Nós [Zélia e as irmãs], logicamente, fazíamos parte do primeiro grupo, embora nos sentíssemos completamente brasileiras²⁶.

Nestes três autores encontramos, portanto, três enfoques diferentes sobre a imigração italiana. Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, através da voz de Juó Bananére, oferece uma contribuição única, no que diz respeito à difusão da língua e, por meio dela, da cultura italiana no início do século XX, num período em que a ausência de uma estratificação social da coletividade italiana favorecia o estabelecimento de um sentimento de comunidade vivenciado pelos imigrantes. Em Antônio de Alcântara Machado, os elementos de discriminação intra e inter-grupal são evidenciados pelo autor nas suas várias crônicas, registrando o percurso traumático realizado, principalmente, pela primeira geração e a ruptura que se instaura entre esta e a segunda, a qual é assimilada espontaneamente. Enfim, em Zélia Gattai, vê-se a atenuação de tais traços traumáticos. Por um lado, porque ela representa a terceira geração e, sobretudo, de uma família burguesa afirmada, cuja integração é total; por outro, porque se trata de uma narração autobiográfica que reelabora toda a sua história familiar com anos de distância, atenuando os traços mais dramáticos

25. Teclado, piano.

26. Zélia Gattai. *Anarquistas, graças a Deus*, op. cit., p. 170.

e mistificando o processo de imigração, o que reflete a tendência dos anos 70 de revalorização da presença italiana no Brasil.

Infelizmente, nenhum dos três autores, nem mesmo Zélia Gattai, oferece elementos sobre a campanha de nacionalização, inaugurada pelo Estado Novo, que representou, para os italianos, um momento trágico para a difusão da cultura italiana no Brasil. Nas palavras de Pasquale Petrone: “durante gli anni quaranta e anche nel corso del decennio successivo, l’italiano si ‘ritrasse in se stesso’ e fu come se la più importante corrente migratoria giunta in Brasile non fosse mai esistita”²⁷

Naturalmente, estes não são os únicos autores que escreveram sobre a imigração italiana em São Paulo e no Brasil ou que a utilizaram, como cenário de outras tramas, levantando questões, criando polêmicas, influenciando a opinião pública e, principalmente, atuando na reelaboração da imagem e no reconhecimento do valor da imigração italiana no nosso país.

Nesse sentido, não podemos não citar Mário de Andrade (*Paulicéia Desvairada*, 1922), Plínio Salgado (*O estrangeiro*, 1926) e Eduardo Maffei (tetralogia *Maria da Greve e o etopeu*, escrita entre 1978 e 1982), nem esquecer quem, como Adoniran Barbosa, ou melhor, João Rubinato, eternizou em centenas de canções, ricas de hibridismo ítalo-brasileiro, o seu amor pelo Bexiga.

ABSTRACT: Il presente articolo, la cui premessa è che l’inserimento dell’immigrante passa anche attraverso l’adattamento linguistico, propone un’analisi dell’inserimento delle prime generazioni di immigranti italiani a São Paulo con base nell’approccio linguistico presente nelle opere La Divina Increnca, di Juó Bananêre, Brás, Bexiga e Barra Funda di Antônio de Alcântara Machado e Anarquistas, graças a Deus, di Zélia Gattai.

PAROLE CHIAVE: immigrazione italiana; adattamento delle popolazioni migranti; lingua portoghese; letteratura brasiliana.

27. Pasquale Petrone, *op. cit.*, p. 322.

Bibliografia

- ALCÂNTARA MACHADO, Antônio de (1995). *Brás, Bexiga e Barra Funda*. São Paulo: Nova Alexandria.
- BANANÉRE, Juó (2001). *La Divina Incrência*. São Paulo: Editora 34.
- BORGES PEREIRA, João Baptista. "L'immigrante italiano nel mondo rurale paulista: una visione antropologica del processo migratorio" In: COSTA, Rovílio e DE BONI, Luis Alberto (a c. di) (1990). *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, pp. 137-166.
- BRUNO, Ernani Silva (1954). *História e tradições da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, pp. 57-58. In: DOS SANTOS, Carlos José (2003). *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume.
- CENNI, Franco (2003). *Italianos no Brasil*. São Paulo: Edusp.
- GATTAI, Zélia (s/d). *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record/Altaya.
- _____. (2000). *Città di Roma*. Rio de Janeiro: Record.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de (2004). "Os imigrantes em São Paulo, na perspectiva de Alcântara Machado". *Revista de Italianística*, São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / USP, n. IX, pp. 9-17.
- PETRONE, Pasquale. "Italiani e discendenti di italiani in Brasile: le scuole e la lingua". In: COSTA, Rovílio e DE BONI, Luis Alberto (a c. di) (1990). *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, pp. 301-328.